

Organizadores da marcha, na hora de balanço:

“Fizemos a nossa parte”

-Para João Pereira, da fundação MASC, a maior cobardia é os esclarecidos ficarem calados perante injustiças sociais e a maior derrota é ser derrotado sem sequer ter se ido ao campo de combate

Por Armando Nhantumbo

Ficéis cumpridores de missões, os seguidores do regime lançaram uma campanha, depois da manifestação de sábado contra a dívida pública e a tensão político-militar, dando o acto como um total fracasso. Eles, que cobardemente se distanciaram da marcha para depois considerarem ínfimo o número aos quinhentos, festejaram a grande e à francesa, sugerindo que os problemas do país são exclusivos dos “malditos” manifestantes.

Entretanto, na hora de balanço, os organizadores fazem uma avaliação positiva da manifestação que disse basta aos problemas políticos e de governação em Moçambique. À partida, lembram que não vaticinaram a participação de milhões de pessoas, como propalam os seus detractores. Para os organizadores da marcha “pelo direito à esperança”, tomando em consideração o ambiente de medo generalizado que o país atravessa, o objectivo foi mesmo alcançado.

João Pereira, director da Fundação MASC (Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil), um dos organizadores, disse ao SAVANA que o objectivo foi atingido porque foi possível mobilizar diversas organizações da sociedade civil e cidadãos para se



Poucos, mas disseram basta aos problemas políticos e de governação em Moçambique

levantarem contra assuntos candentes do país, num momento bastante atípico.

“Fizemos a nossa parte de forma ordeira e demonstramos, num ambiente difícil e de medo generalizado, o nosso sentimento sobre a situação actual de Moçambique”, frisou João Pereira, que cita o assassinato do Constitucionalista Gilles Cistac e o baleamento do Professor Jaime Macuane, bem como as anteriores tentativas de manifestação frustradas e a contra-informação nas redes sociais, como factores que intimidam as pessoas que, aliás, nos

últimos tempos pensam que não é possível criticar e expressar as suas opiniões.

Vêm aí mais lutas

A uma pergunta deste jornal, sobre se a manifestação representava ou não o início de um movimento contínuo contra as crises que o país atravessa, conforme prometeu numa mesa redonda sobre as implicações da dívida em Abril último, em Maputo, quando disse que nos próximos tempos, a Sociedade Civil deveria arregaçar as mangas, pôr de lado as diferenças e unir-se para esta que é

a causa de todos os moçambicanos, Pereira respondeu que sim.

“É verdade que cada uma das organizações tem áreas diferentes, mas foi interessante ver organizações diversas a se juntarem numa causa comum. A porem de lado os interesses de parte ou de grupos, em prol do povo”, destacou.

Para aquele professor universitário, a manifestação do último fim-de-semana não é o fim em si mesmo. “Foi lançada a semente para futuras lutas políticas em prol da solução dos problemas políticos e de governação que o país atravessa”, garantiu.

Para o politólogo, a maior cobardia é os esclarecidos ficarem calados perante injustiças sociais e a maior derrota não é ser derrotado em campo de combate, mas sim ser derrotado sem sequer ir.

Entende que, através de manifestações, os moçambicanos podem, pedra a pedra, construir o país que sonham e resgatar os valores que nortearam a luta de libertação nacional que, por ironia de destino, foram renegados pelo próprio partido libertador, a Frelimo.

Citou Samora, que dizia que se encontrarem um dirigente a construir uma casa, é preciso questionar a proveniência do dinheiro, para afirmar que se está perante o cumprimento

de um legado.

Aliás, aquando da sua tomada de posse, a 15 de Janeiro de 2015, o presidente Filipe Nyusi pediu a todos os moçambicanos para serem olheiros da sua governação, naquilo que chamou de inclusão.

“Estamos a ser soldados para ajudar a governação de Nyusi que pediu para que todos nós fiscalizássemos a sua governação”, recorda o nosso entrevistado.

Sobre as ameaças empreendidas contra os organizadores da marcha, Pereira diz que elas fazem parte da luta e sempre foi essa a lógica do poder.

“Sempre foi assim, com intimidações, mas temos de ser fortes. Esses estão a fazer o papel deles, nós também temos de continuar a fazer o nosso, lutar pela nossa liberdade de expressão e pelo nosso Estado de Direito”, reagiu.

As pouco mais de 500 pessoas que, sábado, saíram à rua na capital moçambicana para, além de exigir responsabilização dos arquitectos da dívida pública e o fim da tensão político-militar, expressaram indignação com mensagens como “dívidas ilegais: não queremos, não aceitamos e não vamos pagar, o lugar dos ladrões é na cadeia, não matem os que pensam, o povo ainda é patrão ou manifestar não é crime”.

Gestão da dívida pública